



Edição
38

Boletim de Conjuntura Industrial

Editorial

O Boletim 37 de julho de 2025 mostra o panorama da Guerra Comercial. Os Estados Unidos elevaram para 50% as tarifas de importação sobre aço e alumínio brasileiros, em vigor desde 1º de agosto, intensificando a disputa comercial iniciada em abril com taxas de 25% sobre esses mesmos produtos. Essa ampliação das chamadas “tarifas recíprocas” coloca em xeque o fluxo comercial entre Brasil e EUA e tende a reverter volumes antes consolidados.

No setor metalmeccânico, onde o aço é insumo fundamental, o aumento da alíquota pressiona o Índice de Preços ao Produtor (IPP), já que o custo dos materiais importados dispara. Segundo dados de 2024, o Brasil foi o segundo maior exportador de aço para os EUA, com 4,1 milhões de toneladas. Estima-se que as encomendas americanas possam cair até 25%, reduzindo a produção doméstica e obrigando as empresas a realocar parte de suas linhas para mercados alternativos, ao passo que o mercado interno sofre com o repasse dos custos mais altos aos usuários finais.

Entre as fabricantes de bens de capital, nomes como Embraer, WEG e Tupy sentem diretamente o aperto tarifário. A Embraer, que fatura cerca de 60% na América do Norte, deve encarar um acréscimo de US\$ 70 milhões em custos neste ano, segundo o UBS, e já viu suas ações caírem até 8,4% após o anúncio. Na WEG, 28% da receita vem dos EUA, dos quais de 7% a 9% ficará sujeito às novas tarifas, embora a empresa avalie migrar parte da produção para o México. A Tupy, por sua vez, obtém 23% do faturamento no mercado americano e 13% em exportações diretas, o que pode resultar em perda de competitividade e queda de até 2% na fabricação de componentes automotivos e máquinas pesadas no segundo semestre.

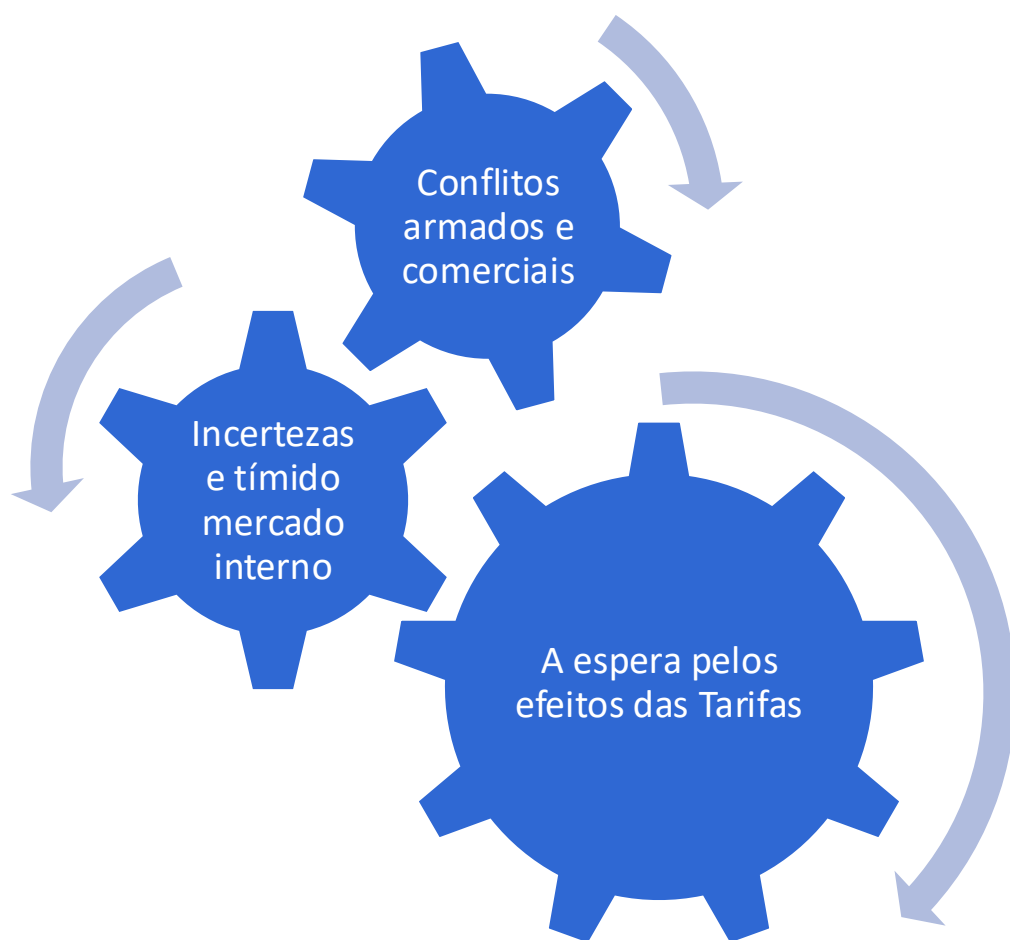
Quem também sofre consequências é a indústria de bens intermediários,

fornecedora de insumos a vários segmentos de transformação. Mais da metade das empresas já reporta redução de pedidos externos e pressões de alta em seus preços ao produtor. Ramos como metalurgia, química e plásticos apresentam maior volatilidade no IPP, pois dependem tanto do aço norte-americano quanto de insumos importados. Esse cenário deve frear a produção física desses itens entre 2% e 3% neste trimestre, encolher exportações de bens intermediários em até 20% e reduzir o consumo interno devido ao aumento dos custos e à insegurança sobre contratos de longa duração.

No universo de bens de consumo, duráveis e não duráveis, o impacto se dá na elevação dos preços ao produtor de eletrônicos, eletrodomésticos e autopeças, reflexo do encarecimento de componentes importados dos EUA. No primeiro semestre de 2025, o Brasil exportou US\$ 1,1 bilhão em produtos eletroeletrônicos para os americanos; com a nova tarifa, estão projetadas quedas de até 30% nesses embarques. Internamente, espera-se que o consumidor pague de 10% a 15% a mais em bens duráveis, levando a retrações nos volumes comercializados e a um declínio de cerca de 5% nos emplacamentos de eletroeletrônicos e eletrodomésticos na segunda metade do ano.

De forma geral, as sanções tarifárias de Trump pressionam custos para cima, provocam retração na produção física ao longo de toda a cadeia e comprimem as exportações, enquanto o repasse de custos aperta o consumo interno. Para conter essas distorções, o Brasil precisa acelerar a diversificação de destinos de venda, reforçar o diálogo diplomático e reduzir o custo do crédito, de modo a sustentar a atividade industrial até que os fluxos comerciais voltem a se normalizar

Release



Projeções dos impactos no Brasil das medidas tarifárias dos Estados Unidos

Um estudo desenvolvido pelo Cedeplar-UFMG, buscou simular os impactos de uma guerra tarifária, incluindo a elevação para 50% das tarifas de importação dos EUA sobre todos os produtos brasileiros, conforme decisão tomada pelo presidente Donald Trump em julho de 2025. Em escala global, esses choques resultariam em uma queda de 0,12% no PIB mundial e uma redução de 2,1% no comércio, equivalente a perdas de US\$ 483 bilhões.

Para o Brasil, as projeções indicam um impacto macroeconômico negativo, com uma contração de 0,16% no PIB (cerca de R\$ 19,2 bilhões). O comércio exterior seria o principal canal de transmissão desse choque, com uma queda expressiva de R\$ 52 bilhões nas exportações (-2,44%). O mercado de trabalho também seria afetado, com uma estimativa de perda de aproximadamente 110 mil postos de trabalho em todo o país.

Os setores industrial e agropecuário seriam os mais prejudicados. A indústria de transformação, sozinha, deve perder mais de 26 mil empregos. Dentro deste setor, os segmentos ligados à cadeia metalmeccânica enfrentariam os

maiores impactos, não apenas nas exportações, mas também na produção interna. Destacam-se as projeções de queda nas exportações e na produção para: tratores e máquinas agrícolas (-23,61% e -1,86%, respectivamente), aeronaves e equipamentos de transporte (-22,33% e -9,19%), produtos de metal (-4,21% e -0,50%) e siderurgia (laminados de aço, -3,96% e -1,12%). Esses dados evidenciam uma perda de dinamismo que afeta toda a cadeia produtiva.

Na análise regional, São Paulo seria o estado mais impactado em termos absolutos, com uma perda estimada de R\$ 4,46 bilhões em seu PIB. Outros estados fortemente afetados seriam Rio Grande do Sul (R\$ -1,92 bilhões), Paraná (R\$ -1,91 bilhões) e Santa Catarina (R\$ -1,73 bilhões). A indústria de transformação paulista sentiria o impacto de forma acentuada, com uma retração de 0,31% em sua atividade, queda mais intensa que a de outros grandes polos industriais, como Minas Gerais (-0,22%).

Fonte: Nemea-Cedeplar-UFMG

Boletim Focus – 18/07/2025

Ano	IPCA (%)	PIB (var. %)	CÂMBIO (R\$/US\$)	SELIC (% a.a.)
2025	5,10	2,23	5,65	15,00
Variação	-0,14%	+0,02%	-R\$0,07	0,00%
2026	4,45	1,88	5,70	12,50
Variação	-0,05%	+0,03%	-R\$0,10	0,00%

Variação em relação às últimas 4 semanas das expectativas do Boletim Focus.

Fonte: Banco Central.

A edição do Boletim Focus de 18 de julho de 2025 apresenta, novamente, uma queda nas expectativas de inflação e câmbio, adicionalmente, um aumento nas previsões do PIB. A taxa Selic para o ano corrente e seguinte permaneceu inalterada. As antevisões para o IPCA caíram 0,14p.p. relativos às expectativas de quatro semanas atrás, enquanto a taxa de câmbio diminuiu 7 centavos de real. Produto apresentou um aumento de 0,02p.p.

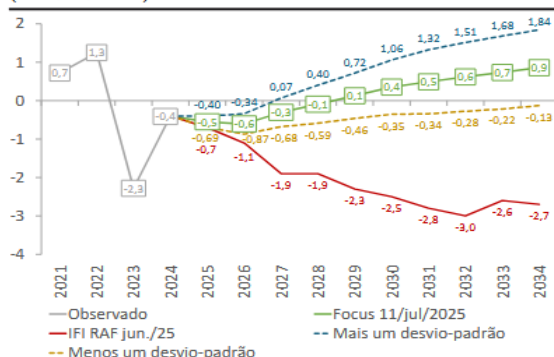
Para o ano seguinte, IPCA caiu 0,05p.p. e câmbio caiu 10 centavos de real. Houve elevação das expectativas do produto em 0,03 pontos

percentuais. Lentamente, os indicadores macroeconômicos brasileiros vêm melhorando, no entanto, o cenário diplomático desafiador entre EUA e Brasil pode alterar as expectativas na próximas versões do Boletim Focus, principalmente devido às tarifas de exportação em 50%, o que pode afetar negativamente o PIB brasileiro. Ainda é necessário cautela nos planejamentos industriais de curto, médio e longo prazo no Brasil.

Boletim de expectativas IPEA - julho

Fonte: IPEA ([Texto completo](#))

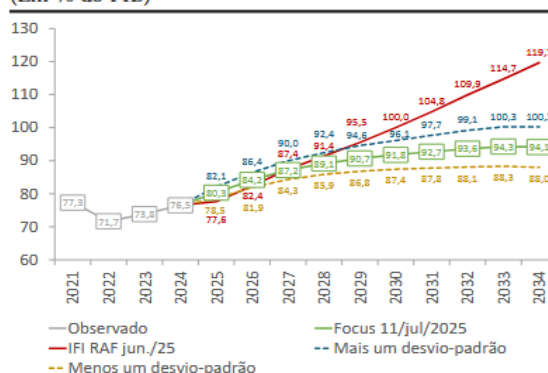
GRÁFICO 1
Resultado primário do setor público
(Em % do PIB)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).
Obs.: Pesquisa *Focus*, média da amostra dos últimos trinta dias.

GRÁFICO 6
Dívida bruta do governo geral (DBGG)
(Em % do PIB)



Fonte: BCB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Pesquisa *Focus*, média da amostra dos últimos trinta dias.

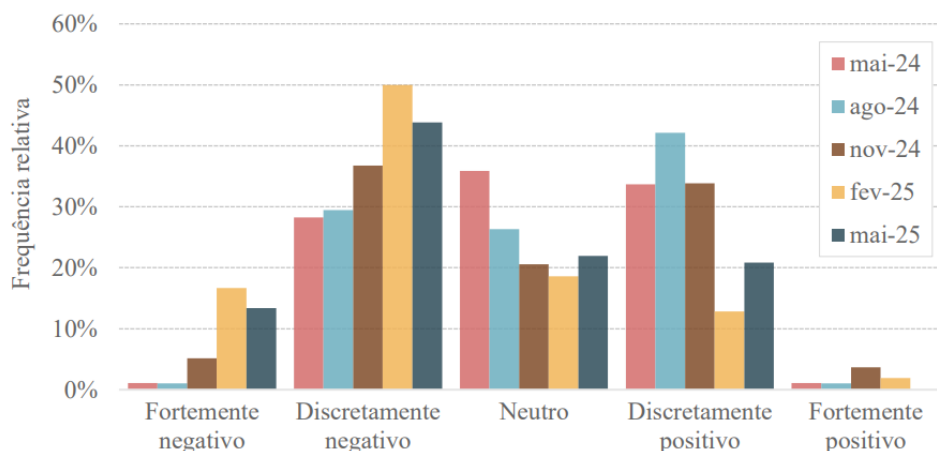
O Boletim de expectativas do IPEA é um relatório que "fornece uma visão panorâmica das expectativas para algumas das principais variáveis macroeconômicas brasileiras, a partir de diversas fontes." Essas fontes são baseadas no relatório Focus, do Banco Central, como consta na seção anterior do Boletim de Conjuntura Industrial. Ademais, o documento do IPEA utiliza projeções recentes da Instituição Fiscal Independente (IFI), do Senado, e a estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ) derivada do mercado secundário de títulos públicos, calculada pela Anbima. Como as expectativas para as variáveis macroeconômicas já foram retratadas na seção anterior com o relatório Focus, essa seção é dedicada para as expectativas das finanças públicas, conforme o Boletim IPEA.

Em relação a esse aspecto da dívida pública, o Boletim mostra que há um pessimismo geral no assunto, principalmente por parte do IFI. De acordo com os gráficos de projeção acima, elaborados pelo IPEA, o IFI espera que o resultado

primário do setor público se manterá negativo até o ano de 2034, com a dívida bruta do governo geral atingindo um patamar de mais de 100% do PIB já no ano de 2030. As projeções do Focus sobre a dívida pública são um pouco mais otimistas, esperando um resultado primário positivo a partir de 2029 e com a DBGG abaixo de 100% do PIB para o período, mas ainda com uma forte tendência positiva para os próximos anos. O problema intrínseco no aumento da dívida pública brasileira é o cenário de dominância fiscal próximo, de acordo com o documento. O boletim apresenta, também, um limiar da dominância fiscal em torno da dívida bruta em 90% do PIB, ou seja, estima-se que um cenário em que a dívida pública ultrapasse esse limite pode levar o país para um cenário de dominância fiscal, evidenciando uma preocupação crucial para a administração prudente das finanças públicas do país.

Relatório Firmus – Segundo Trimestre de 2025

Gráfico 1 – Situação econômica atual



Reprodução: Banco Central.

O Relatório Firmus é uma pesquisa trimestral conduzida pelo Banco Central com empresas não financeiras, que busca entender como os negócios percebem o ambiente econômico e o que esperam para os próximos períodos.

A pesquisa realizada no segundo trimestre de 2025 aponta um cenário de leve melhora na percepção dos empresários. Houve redução do sentimento “discretamente negativo” sobre a situação econômica atual, embora essa percepção continue predominante. O otimismo das empresas quanto ao desempenho de seu setor em comparação ao PIB nacional se manteve praticamente inalterado.

As expectativas macroeconômicas mostraram um viés de melhora. As medianas para a inflação (IPCA) de 2025, 2026 e 2027 permaneceram estáveis em 5,5%, 4,5% e 4,0%, enquanto a projeção do PIB para 2025 também se manteve em 2,0%. O destaque foi a taxa de

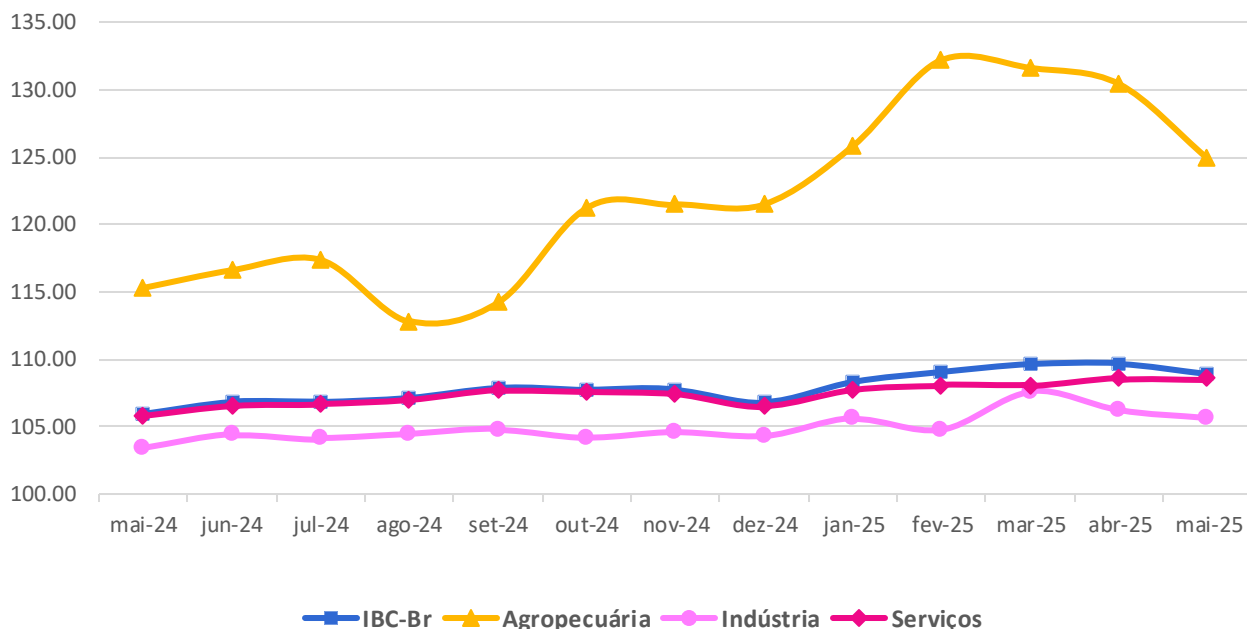
câmbio esperada para os próximos seis meses, que recuou para R\$/US\$ 5,80, e a dispersão das respostas diminuiu, indicando maior consenso.

Do ponto de vista dos custos, houve um leve arrefecimento, com menos empresas esperando altas expressivas nos custos de mão de obra e insumos. As expectativas para o repasse de preços e margens de lucro mostraram relativa estabilidade, interrompendo a tendência de piora observada na pesquisa anterior.

Nesta rodada, a pesquisa incluiu novas questões. Sobre o crédito, quase 60% das empresas avaliaram que a oferta se manteve em linha. Em relação à política comercial dos EUA, o impacto mais sentido pela grande maioria (78,1%) foi o aumento da incerteza econômica, com poucos apontando efeitos diretos em custos ou concorrência.

Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)

Índice de Atividade Econômica - (2022 = 100) - IBC-Br - Bacen



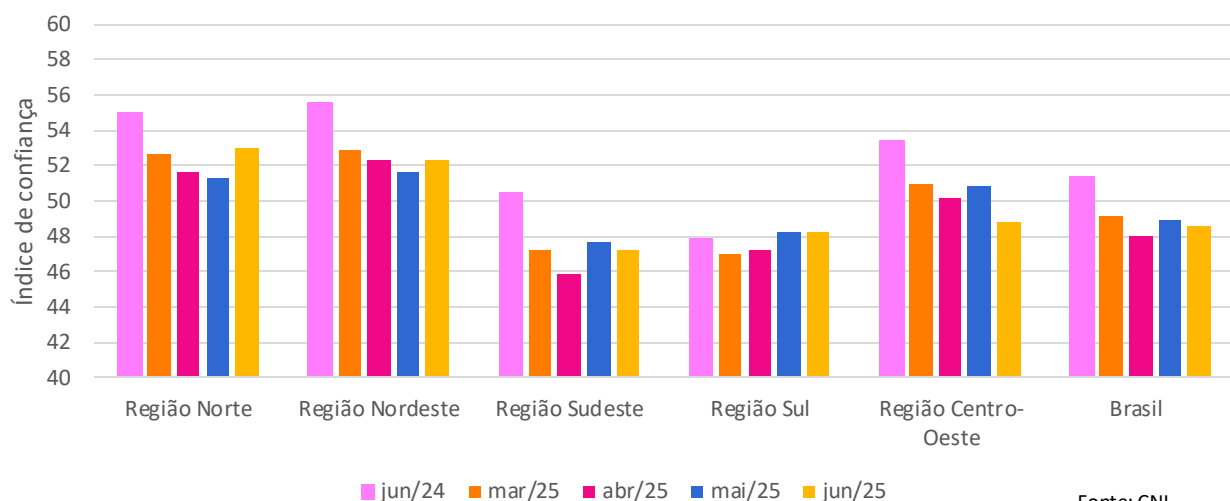
Fonte: Banco Central.

Em maio, houve uma queda de 0,73% na atividade econômica nacional, de acordo com o indicador elaborado pelo Bacen. Entre os setores produtivos que compõem o PIB, verificou-se retração de -4,22% na Agropecuária e -0,47% no setor Industrial. O setor de Serviços, por sua vez,

mantve-se estável. Assim, abril interrompeu uma sequência de quatro meses seguidos de expansão, registrando uma contração significativa do que previamente esperado pela agência Reuters, cuja expectativa era de estabilidade.

Índice de Confiança do Empresário Industrial

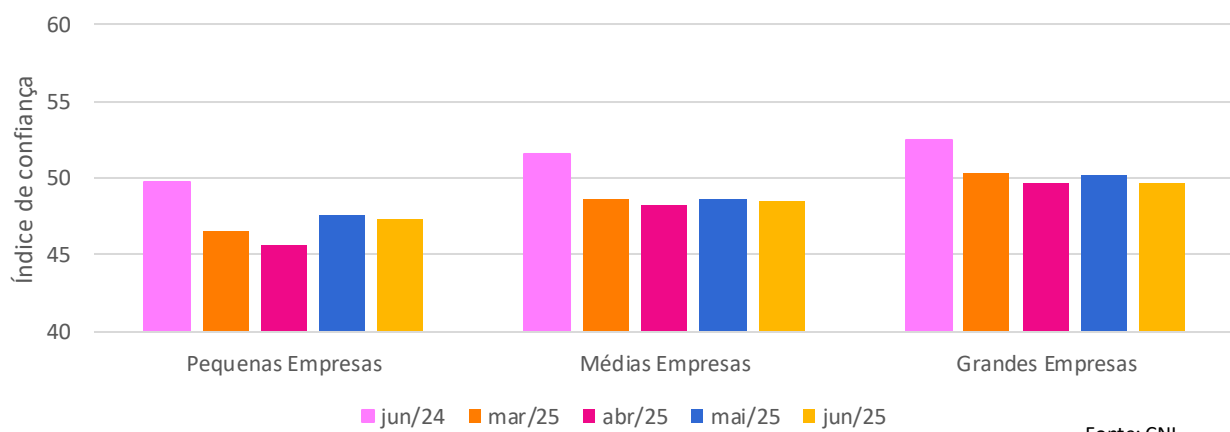
ICEI - Região



Em junho, o índice de confiança do empresário industrial do Brasil apresentou queda de 0,30 ponto. O resultado foi influenciado negativamente pelas quedas no Centro-Oeste (-2,10) e Sudeste (-0,50), e pela estabilidade no Sul

(0,00). Em contrapartida, houve alta no Norte (1,70) e Nordeste (0,60). Com as alterações, apenas as regiões Norte e Nordeste se encontram acima do parâmetro de confiança de 50 pontos.

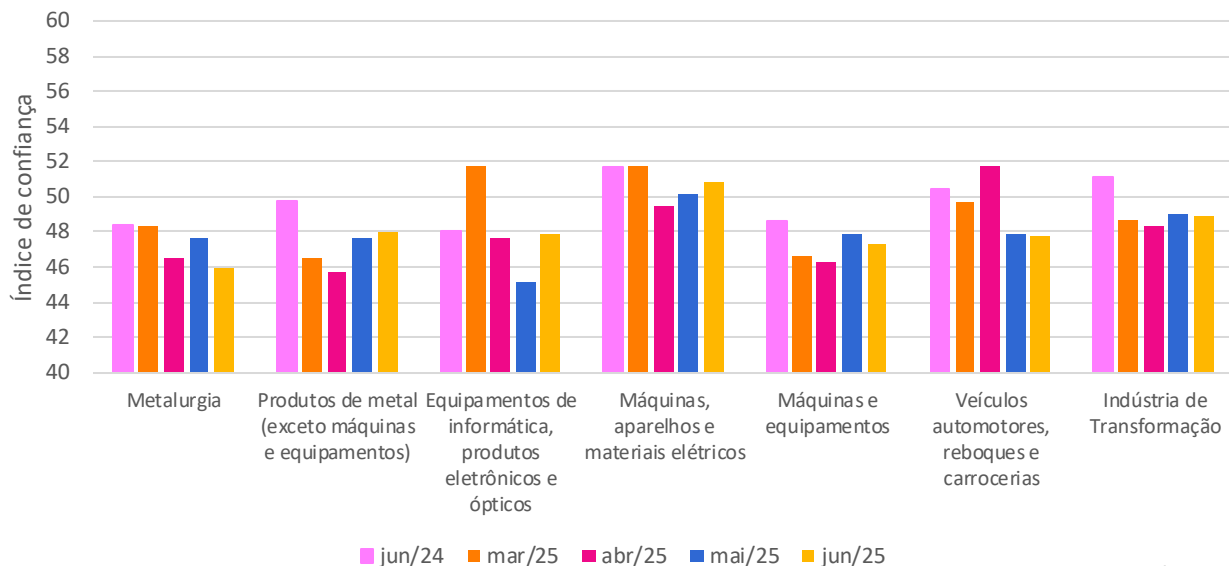
ICEI - Porte de Empresas



Em junho, houve queda da confiança em todos os portes de empresa. As variações foram de -0,50 ponto nas Grandes Empresas e de -0,20 ponto tanto nas Pequenas quanto nas Médias

Empresas. Com o resultado, todos os portes seguem com a confiança abaixo do parâmetro de 50 pontos, mantendo o cenário pessimista.

ICEI - Setores de transformação

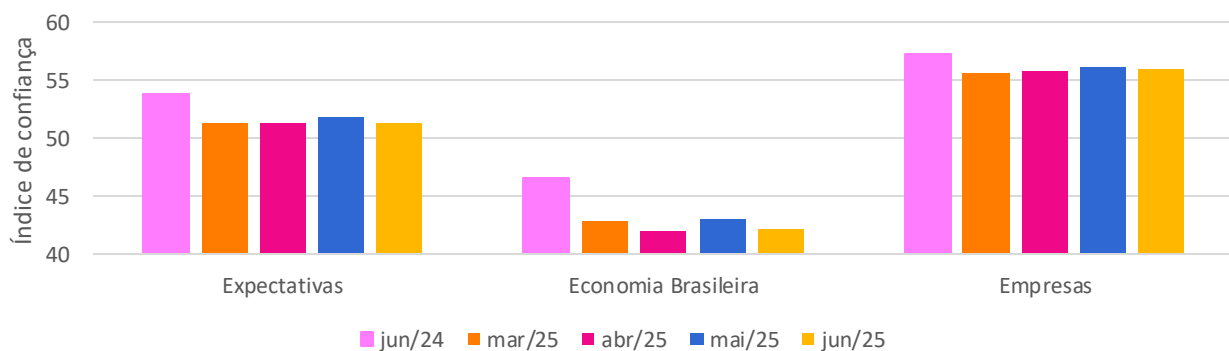


Fonte: CNI

Em junho, houve queda de 0,10 ponto na confiança da Indústria de Transformação. O resultado foi puxado principalmente pelas quedas em Metalurgia (-1,70), Máquinas e equipamentos (-0,60) e Veículos automotores (-0,10). Por outro lado, apresentaram avanço os subsectores de

Equipamentos de informática (+2,80), Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+0,60) e Produtos de metal (+0,30). Apesar dos avanços, apenas o sector de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos se manteve acima do parâmetro de confiança.

ICEI - Expectativas



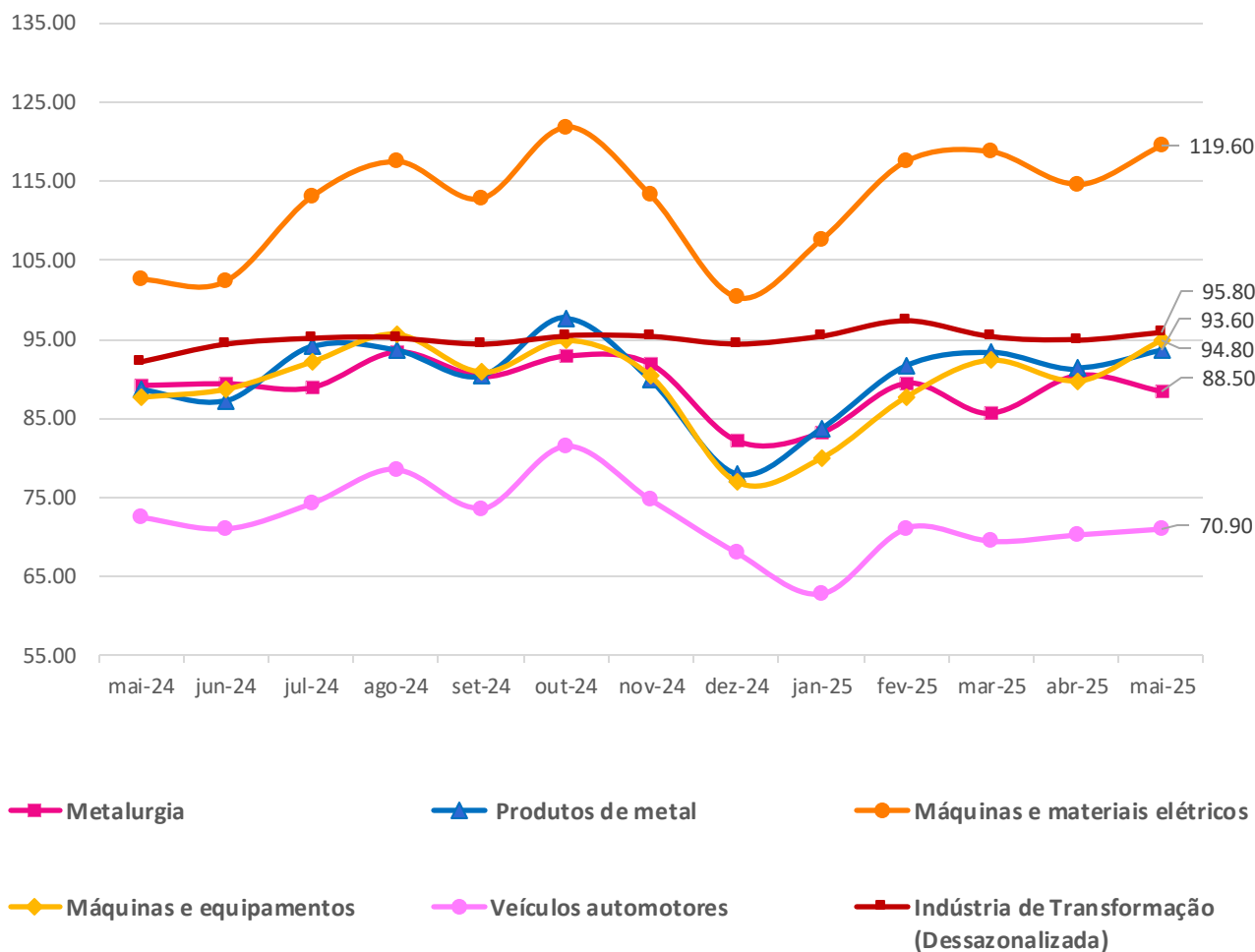
Fonte: CNI

Em junho, o índice de expectativas do empresário industrial da indústria de transformação para os próximos 6 meses apresentou queda de 0,40 ponto. As expectativas em relação à economia brasileira e ao cenário

interno das empresas no mesmo período registraram quedas de 0,90 e 0,20 ponto, respectivamente. Com o resultado, a expectativa em relação à economia brasileira continua em patamar pessimista (abaixo de 50 pontos).

Horas trabalhadas na produção

Horas trabalhadas na produção - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de horas trabalhadas na Indústria de Transformação brasileira apresentou alta de 0,84% em maio de 2025, segundo o indicador elaborado pela Confederação Nacional da Indústria. Em relação ao mesmo período do ano anterior, houve avanço de 4,02% na série dessazonalizada.

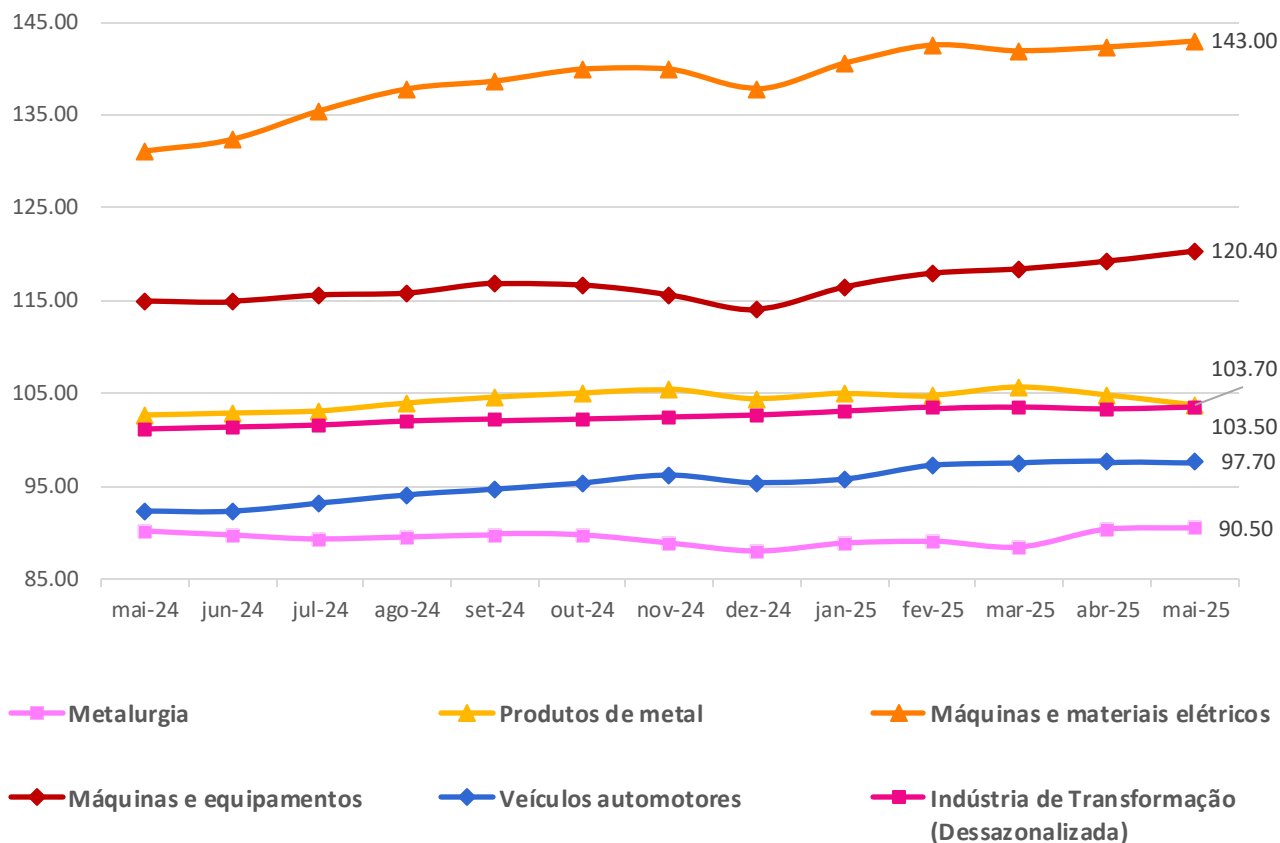
Entre os cinco subsetores analisados, quatro registraram aumento, com os seguintes resultados mensais:

- **Máquinas e equipamentos:** 5,69%;
- **Máquinas e materiais elétricos:** 4,36%;
- **Produtos de metal:** 2,52%;
- **Veículos automotores:** 1,00%;
- **Metalurgia:** -2,21%.

No acumulado do ano de 2025, houve aumento de 0,31% nas horas trabalhadas, com destaque para o setor de Máquinas e equipamentos, cujas horas trabalhadas avançaram 18,65% no período.

Emprego Industrial

Emprego industrial - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de emprego do setor da Indústria de Transformação apresentou alta de 0,10% no mês de maio, segundo dados divulgados pela CNI.

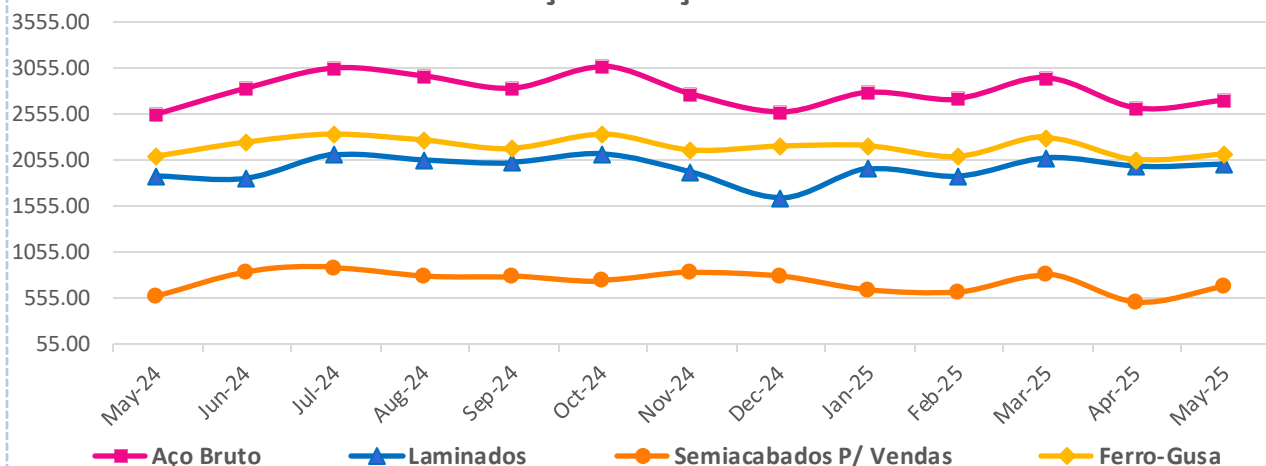
Entre os subsetores estudados, três registraram alta, um permaneceu estável e um teve queda. Os resultados foram:

- **Máquinas e equipamentos:** 1,01%;
- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,49%;
- **Metalurgia:** 0,22%;
- **Veículos automotores:** 0,00%;
- **Produtos de metal:** -1,05%.

Em relação ao mês de maio do ano anterior, o índice de emprego industrial subiu 2,27%. No acumulado do ano, o resultado também é positivo, com aumento de 0,49%.

Produção de aço

Produção de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

Em maio de 2025, a produção de aço bruto no Brasil atingiu 2.706 mil toneladas, um aumento de 78 mil toneladas em relação a abril, o que representa um avanço de 3,0% na variação mensal e crescimento de 5,0% na comparação com maio de 2024. No acumulado de janeiro a maio, a produção totalizou 13.662 mil toneladas, um crescimento de 0,7% em relação ao mesmo período do ano anterior.

A produção de laminados foi de 2.006 mil toneladas em maio, ligeiramente superior ao mês anterior, com alta anual de 5,8%. Já a produção de semiacabados para vendas alcançou 685 mil toneladas, também apresentando avanço em relação a abril, mas ainda representando queda de 1,8% frente ao mesmo mês de 2024. A produção de ferro-gusa somou 2.121 mil toneladas, um crescimento de 2,8% em relação a abril, e de 1,5% na comparação anual.

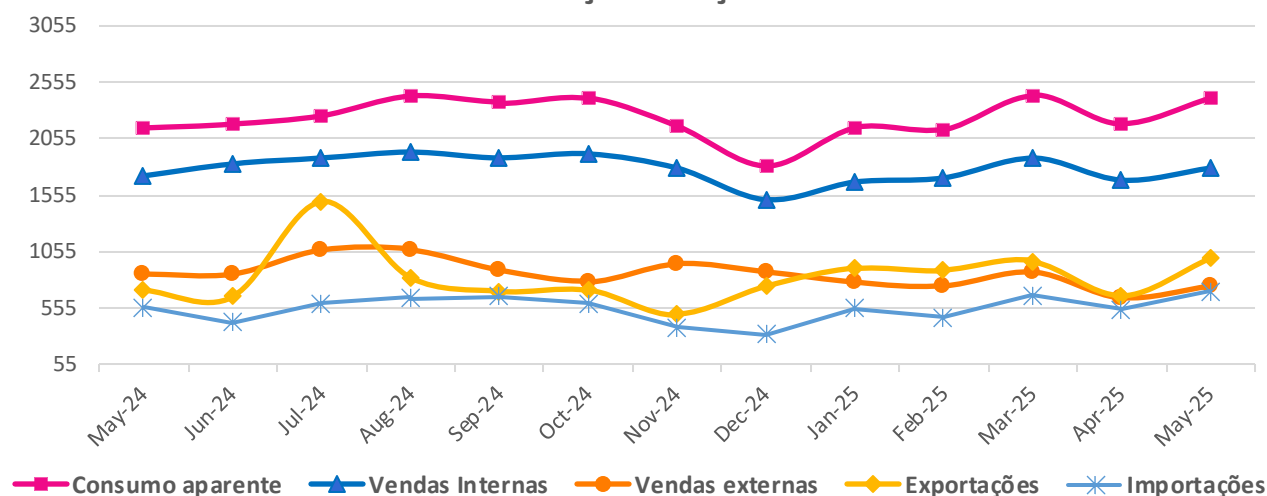
O desempenho de maio sinaliza uma recuperação gradual da atividade siderúrgica

brasileira após a retração em abril, com destaque para o crescimento tanto da produção quanto da demanda interna. Apesar do avanço, o cenário ainda demanda cautela, o forte aumento das importações segue pressionando a indústria nacional, com taxa de penetração de 26,1% em maio, contra 20,1% no mesmo mês de 2024.

Além disso, parte das exportações registradas no mês envolveu operações com embarque antecipado, o que pode levar a ajustes nos dados futuros. No mercado internacional, a volatilidade persiste, influenciada por medidas protecionistas nos Estados Unidos e pela desaceleração em grandes economias consumidoras. Ainda assim, o aumento das vendas para a América do Norte e Europa pode sinalizar oportunidades para o setor no curto prazo.

Indústria Siderúrgica

Comercialização de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

O Instituto Aço Brasil divulgou os dados mensais sobre a comercialização de produtos siderúrgicos referentes a maio de 2025. O consumo aparente foi de 2.419 mil toneladas, um aumento de 12,2% em relação a maio de 2024 e uma alta de 10,8% frente a abril, sinalizando uma retomada na demanda total do mercado.

As vendas internas somaram 1.788 mil toneladas, alta de 6,0% na comparação com abril e de 3,8% em relação ao mesmo mês de 2024, reforçando a recuperação gradual da demanda interna. Por outro lado, a taxa de penetração das importações chegou a 26,1% em maio, significativamente acima dos 20,1% registrados no mesmo período do ano anterior, o que evidencia o crescente peso dos produtos estrangeiros no abastecimento nacional.

As exportações atingiram 1.002 mil toneladas, avanço de 40,1% frente a maio de 2024, mas com parte relevante desse volume concentrado em operações com embarque

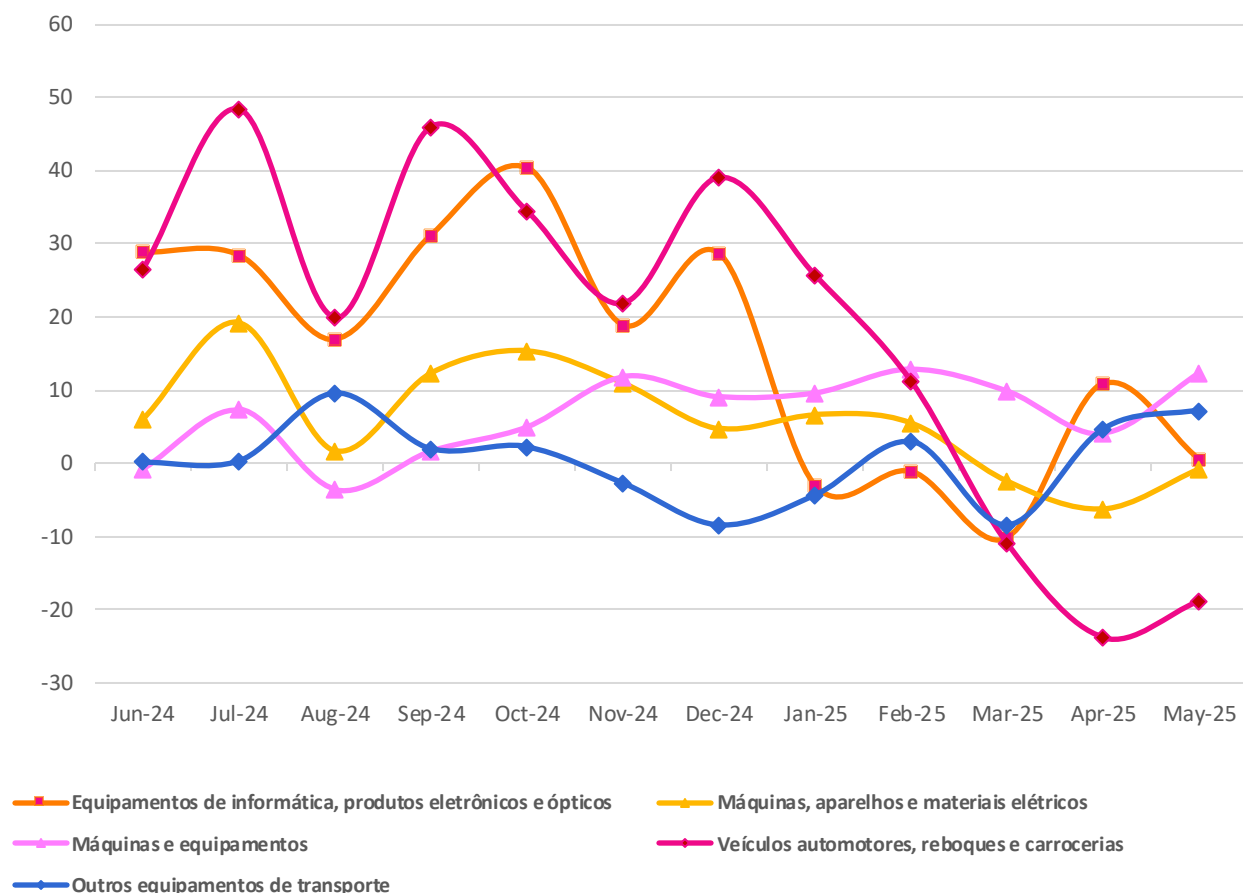
antecipado. A permanência de volatilidade em importantes mercados compradores e a oscilação cambial seguem como pontos de atenção para o setor.

Em contrapartida, as importações continuaram em trajetória crescente, somando 700 mil toneladas, crescimento de 24,8% na comparação anual. A alta competitividade dos produtos importados, especialmente vindos da Ásia, tem pressionado os preços domésticos e elevado a ociosidade da capacidade instalada da indústria nacional.

Diante desse cenário, o setor siderúrgico brasileiro segue em alerta, apesar de sinais positivos no consumo interno. O aumento persistente das importações, aliado à volatilidade da demanda externa e à presença de práticas comerciais desleais em alguns mercados, reforça a necessidade de medidas estruturantes, direcionadas a antidumping, salvaguardas e revisões tarifárias.

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Capital



Fonte: IBGE

Em maio de 2025, a produção de bens de capital apresentou desempenho misto entre os segmentos. O principal recuo do mês veio do setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que registrou retração de 18,7%. Também apresentou resultado negativo o segmento de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com leve redução de 0,7%.

Por outro lado, alguns setores registraram crescimento expressivo. O segmento de Máquinas e equipamentos avançou 12,4%, liderando o desempenho positivo do mês. Em seguida, os

Outros equipamentos de transporte cresceram 7,2%, enquanto os Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos tiveram alta moderada de 0,7%.

A queda na produção de bens de capital no Brasil tem sido resultado de uma combinação de fatores econômicos e estruturais que afetam diretamente o investimento industrial. Um dos principais elementos é a alta taxa de juros, que encarece o crédito, dificultando a aquisição de máquinas, equipamentos e infraestrutura pelas empresas.

A aquisição dificultada de máquinas e equipamentos, por sua vez, desestimula investimentos de longo prazo e compromete a renovação do parque industrial.

Outro fator é a restrição no acesso ao crédito. A percepção de risco elevado, aliada à instabilidade econômica e fiscal, faz com que instituições financeiras sejam mais cautelosas na concessão de financiamentos, o que limita a capacidade de investimento das empresas, especialmente daquelas de médio e pequeno porte. Além disso, a incerteza política e a possibilidade de elevação de tributos contribuem para um ambiente de negócios mais conservador.

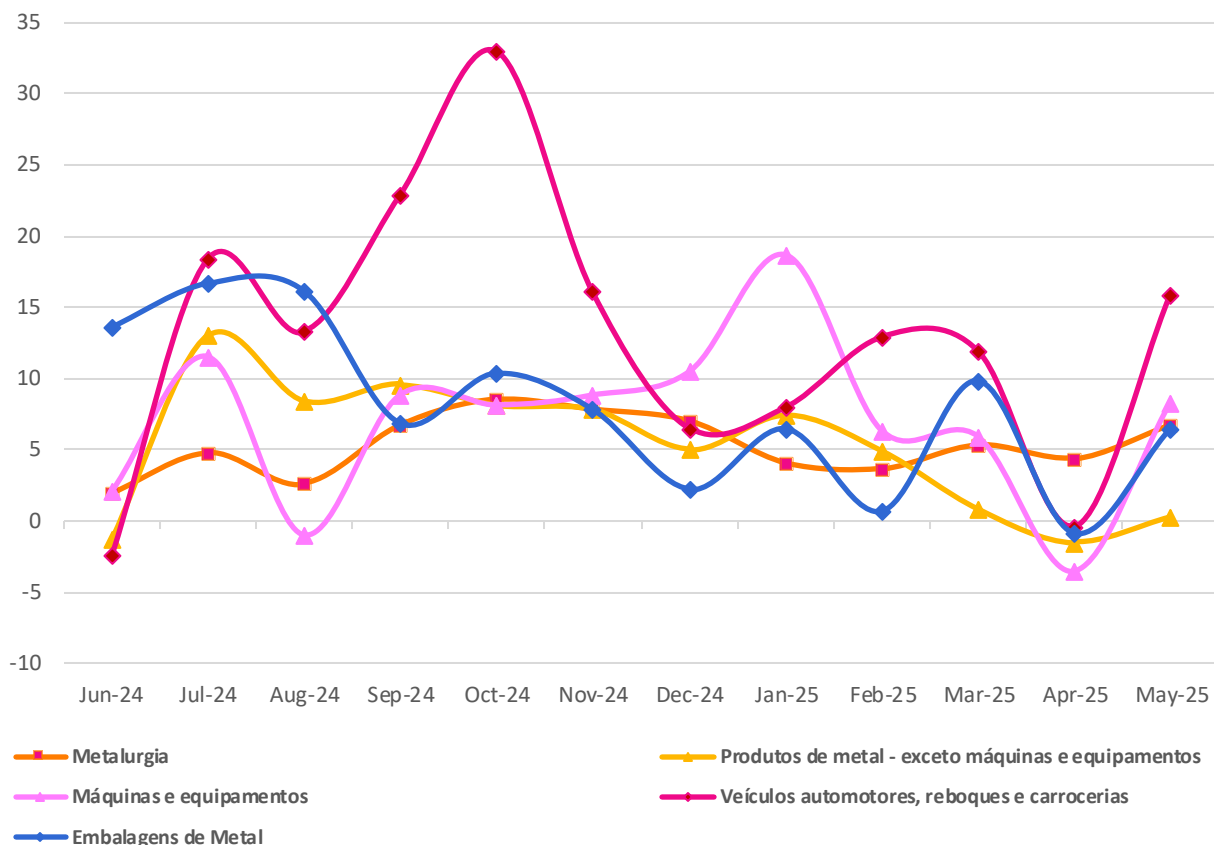
Paralelamente, a demanda por bens de

capital também está em desaceleração em setores estratégicos como transporte, energia e indústria de transformação. Essa retração reduz os estímulos para a produção interna desses bens. Mesmo os bens de capital de uso misto — utilizados em diferentes setores — mostram sinais de estagnação, evidenciando uma queda generalizada na atividade do segmento.

Em resumo, a combinação de juros elevados, crédito restrito, incerteza econômica e queda na demanda setorial tem imposto sérios obstáculos à produção de bens de capital no país, afetando diretamente a trajetória da indústria nacional e os investimentos produtivos.

Indicadores de Produção Nacional

Bens Intermediários



Fonte: PIMPF

Em maio de 2025, a produção de bens intermediários apresentou recuperação generalizada entre os segmentos analisados, revertendo o cenário negativo do mês anterior. O destaque foi o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, com expressivo crescimento de 15,8%. Também registraram altas relevantes os segmentos de Máquinas e equipamentos 8,3%, Metalurgia 6,7% e Embalagens de metal 6,5%. O setor de Produtos de metal exceto máquinas e equipamentos apresentou variação positiva mais modesta, de

0,2%.

Apesar da recuperação, a situação do setor ainda apresenta desafios, refletindo o desempenho fraco dos principais setores que os utilizam como insumo. De acordo com o Monitor do PIB da FGV, o nível de atividade econômica recuou 0,4% no mês, em grande parte devido à contração simultânea na agropecuária e na indústria de transformação, segmentos que respondem por parcela significativa do consumo desses produtos.

No lado da demanda, observou-se menor

consumo interno, redução nos investimentos – mensurados pela Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) – e queda nas exportações de bens intermediários. Ainda que esses produtos sejam relevantes na pauta de embarques, seu impacto positivo sobre a balança comercial perdeu força, indicando desaquecimento na procura externa e pressionando os estoques dos produtores domésticos.

Em maio de 2025, a alta na produção de bens intermediários foi impulsionada pela forte recuperação dos setores extrativos. A elevação dos preços internacionais de minério de ferro e de outros minerais básicos melhorou as margens operacionais das mineradoras e siderúrgicas, refletindo-se em um incremento de 0,8 ponto percentual na variação mensal desse segmento. Esse ambiente de precificação mais favorável estimulou tanto o ritmo de extração quanto os investimentos em capacidade produtiva, ampliando o fornecimento de insumos para a indústria de transformação.

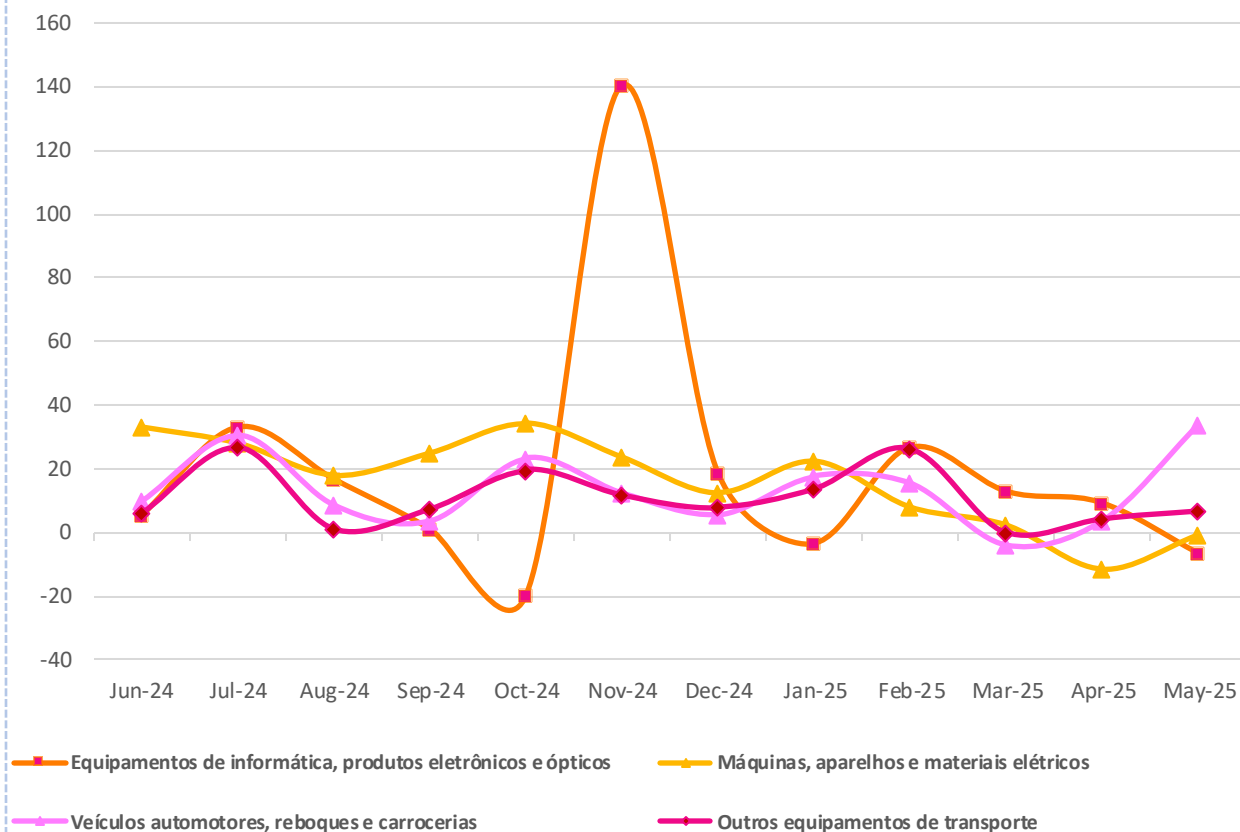
No segmento de transformação, as recalibrações de estoques e a recomposição das cadeias de suprimento exerceram papel decisivo. Produtos químicos avançaram 0,6%, enquanto artefatos de borracha e plástico cresceram 1,6%, beneficiados pela retomada das encomendas do

complexo agroindustrial e petroquímico. Adicionalmente, insumos farmoquímicos e farmacêuticos registraram expansão de 3,0%, reflexo de contratos com indústrias de saúde e higiene que anteciparam compras em função de perspectivas de demanda global.

Além dos fatores setoriais, a elevação aponta para um ciclo de reconstrução de estoques aliado a maior dinamismo nos pedidos internos de bens de consumo duráveis e de capital. No acumulado de janeiro a maio de 2025, bens intermediários registraram aumento de 2,3%, superando a média geral da indústria (1,8%). Esse desempenho foi reforçado pela oferta de crédito mais competitiva, em função da queda marginal das taxas de juros reais, e pelos investimentos em infraestrutura pública, que garantiram maior fluidez nas cadeias logísticas e refrescaram a confiança do empresariado

Indicadores de Produção Nacional

Bens de Consumo



Fonte: PIMPF

Em maio de 2025, o setor de bens de consumo apresentou comportamento novamente heterogêneo entre os segmentos analisados. O maior destaque positivo foi o expressivo avanço de 33,5% no setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que manteve a trajetória de recuperação iniciada no mês anterior. O segmento de Outros equipamentos de transporte também registrou crescimento relevante, com alta de 6,5%.

Em contrapartida, dois setores tiveram desempenho negativo. A maior retração foi

observada em Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, que recuaram 6,6% no mês. Já o segmento de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos teve queda mais leve, de 0,7%.

Esse desempenho adverso reflete, em grande parte, o elevado custo do crédito derivado de taxas de juros altas, que encarece os financiamentos habitualmente utilizados para a compra de eletrodomésticos e eletrônicos de maior valor agregado. Soma-se a isso a pressão inflacionária persistente e o crescimento ainda

modesto da renda real, fatores que reduziram a disposição dos consumidores a investir em bens duráveis.

Em maio de 2025, o avanço mais expressivo na fabricação de veículos automotores decorreu da robusta performance das exportações. As montadoras brasileiras embarcaram 51,5 mil unidades, quase o dobro do volume registrado em maio de 2024, puxadas pelo aquecimento das vendas para a Argentina e outros mercados vizinhos, o que demandou um ritmo de produção mais acelerado nas fábricas nacionais.

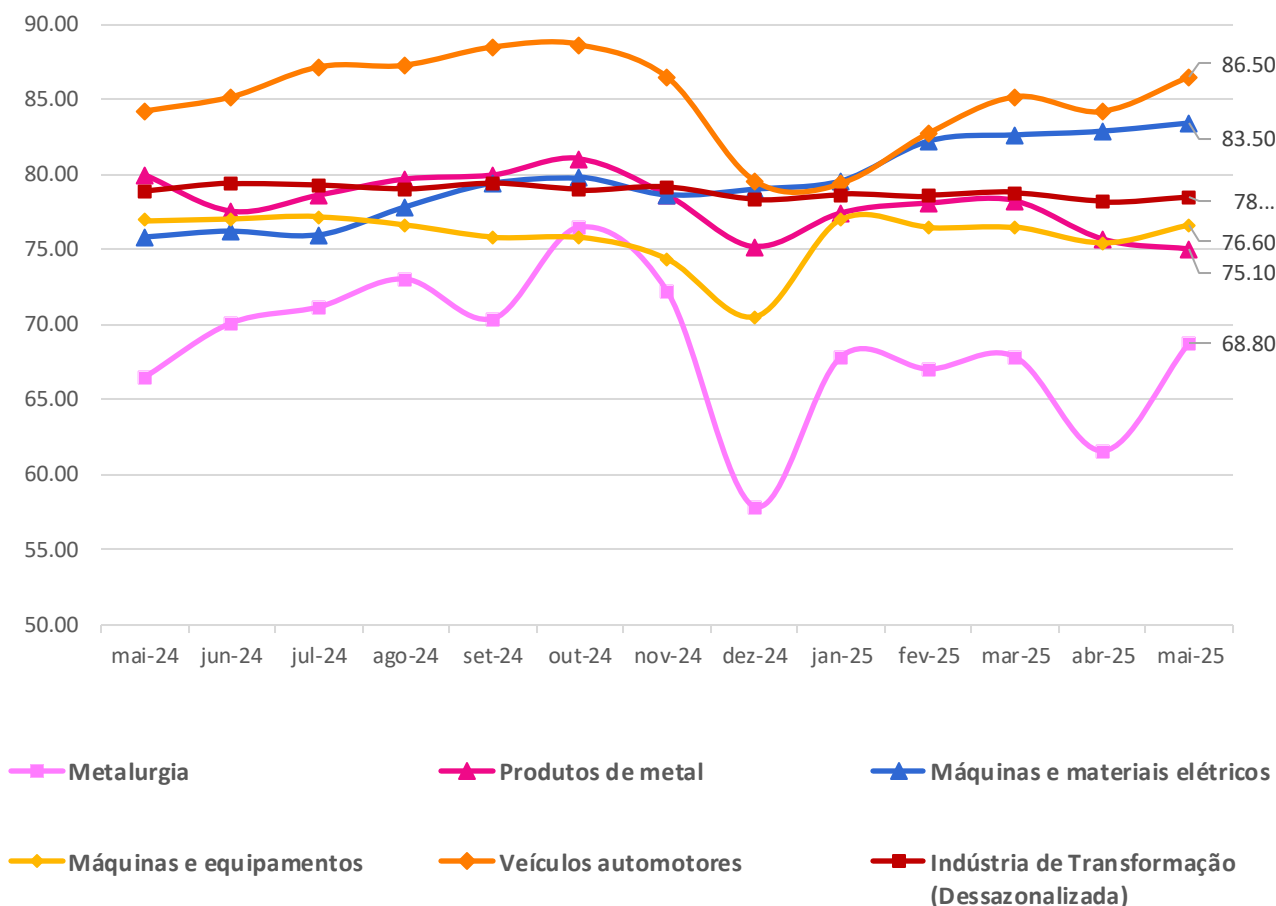
No mercado interno, o aumento na produção também refletiu a recuperação das vendas domésticas. Os emplacamentos somaram 225,7 mil veículos em maio, um crescimento de

8,1% na comparação interanual, impulsionado tanto pela recomposição dos estoques das concessionárias quanto pela elevação da demanda de frotas corporativas e de locadoras, que pressionou as linhas de montagem para atender a esses pedidos.

Além desses fatores conjunturais, elementos estatísticos e setoriais contribuíram para reforçar o resultado. A comparação com maio de 2024 considerou uma base deprimida em razão das enchentes no Rio Grande do Sul, ampliando o ganho de 28,8% na produção. Somase a isso o desempenho mais forte de caminhões e ônibus, com alta de 9,7% em relação ao ano anterior, e a normalização das cadeias de suprimento, que reestabeleceu a cadência habitual das linhas produtivas.

Utilização da Capacidade Instalada

Utilização da Capacidade Instalada – percentual médio - Brasil - CNI



Fonte: CNI

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI), indicador de produtividade elaborado pela CNI, apresentou avanço de 0,30% em maio de 2025. Entre os subsetores analisados, Entre os subsetores analisados, quatro apresentaram alta. Os resultados mensais foram:

- **Metalurgia:** 7,20%
- **Veículos automotores:** 2,30%
- **Máquinas e equipamentos** 1,20%
- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,60%
- **Produtos de metal:** -0,60%

Em comparação com o mês de maio do ano anterior, houve queda de 0,40% na UCI. Em contrapartida, na análise setorial anual, destacam-se os avanços nos setores de Máquinas e materiais elétricos (7,60%), Metalurgia e Veículos automotores, ambos com incrementos de 2,30%. Em relação ao início do ano, o resultado de abril representa uma queda de 0,20% na UCI.

Indicadores de Preço

Aço Nacional							
Indicadores (%)	jul. prev	jun	mai	abr	mar	fev	12m. Ac.
BQ	-1,92	-5	-2,32	-0,07	-1,98	3,92	0,94
BF	-2,26	-6	-2,03	-0,22	-0,24	4,02	3,33
CG	-0,93	-5,3	-2,67	-0,14	-1,97	3,94	1,9
Zincado	-0,95	-6	-1,59	-0,16	-0,08	3,76	0,31
Galvalume	-2,23	-4,98	-1,77	2,15	-2	3,45	16,16
Xadrez	-	-5	-2,68	-0,22	-1,98	3,98	0,54
Arame	-0,84	-0,44	0	-0,22	0	2,01	11,36
Barra Chata	0	-3,96	0	-0,06	-0,06	6,01	11,83
Barra Redonda	0,13	-3,92	0	-0,07	0	6,02	12,18
Cantoneira	0	-4	-0,06	-0,06	0	3,04	8,89
Perfil I	0	-3,96	-0,14	0	-0,07	3,32	9,09
Perfil UDC	-1,06	-4,64	-2,55	0	-2,02	3,9	4,88
Prego	0	-0,09	0	-0,09	0	3,98	6,26
Tela	-0,44	-4,26	-1,47	2,36	-3,02	0,1	1,12
Telha	-0,18	-3	-0,07	0,07	-0,4	2,67	4,27
Tubo	-1,16	-5,63	-2,56	0	-0,1	4	6,68
Vergalhão	0	-3,74	-4,01	-0,98	-2,05	1,04	-5,75
Chapa Inox	-4,01	-0,65	0	-2,11	0	7,73	13,41
Barra Inox	-2	-1,37	-0,87	0	0,02	4,06	12,5
Cantoneira Inox	-2,78	-0,5	0	-1,89	0,25	0,83	8,41
Tubo Inox	-2,7	-1,29	0	0	0,09	2,92	9,01
Sucata	-5,31	-10	-9,66	-3,96	-8,83	3,74	-22,54
Aço Importado							
Indicadores (%)	jul. prev	jun	mai	abr	mar	fev	12m. Ac.
HRC	-	-0,07	-2,53	-1,16	-0,97	-1,31	-12,12
CRC	-	-0,83	-3	-0,73	-1,08	-1,58	-10,32
HDG	-	-0,65	-1,22	-0,58	1,36	-1,08	-9,51
Plate	-	-0,29	-1,24	-0,98	0,29	0,04	-11,53
Rebar	-	-0,68	1,42	0,73	-0,88	-0,42	-3,06
Wire rod	-	-0,67	1,4	0,74	-0,85	-0,63	-3,5

Fonte: INFOMET

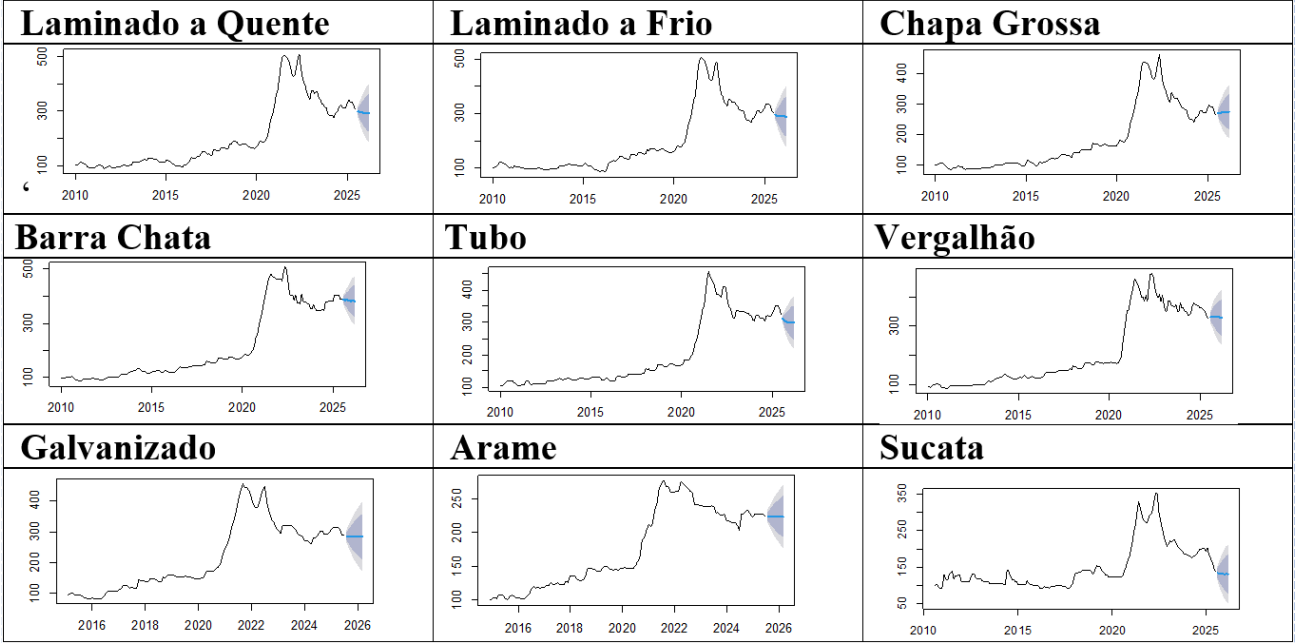
Além da instabilidade do cenário internacional, outro fator relevante que vêm pressionando os preços do aço para baixo é a desaceleração da atividade econômica no país, que impacta diretamente a demanda por aço. A indústria da construção civil, o setor automotivo e outras áreas que consomem grandes volumes de aço enfrentam um cenário de menor

crescimento, o que reduz o consumo interno e contribui para a retração dos preços. Além disso, a valorização do real frente ao dólar tem diminuído os custos de importação, tornando o aço estrangeiro ainda mais atrativo para o mercado brasileiro. Por fim, mudanças recentes na política de defesa comercial também influenciam esse movimento.

A redução da sobretaxa antidumping sobre tubos de aço, por exemplo, permite que fornecedores adquiram materiais a preços mais baixos, o que intensifica a pressão por ajustes nos valores praticados internamente. Embora medidas como a renovação da cota-tarifa

busquem proteger a indústria nacional, o excesso de oferta global e as negociações internacionais, como as tarifas impostas pelos Estados Unidos, continuam a moldar um cenário desafiador para o setor siderúrgico brasileiro.

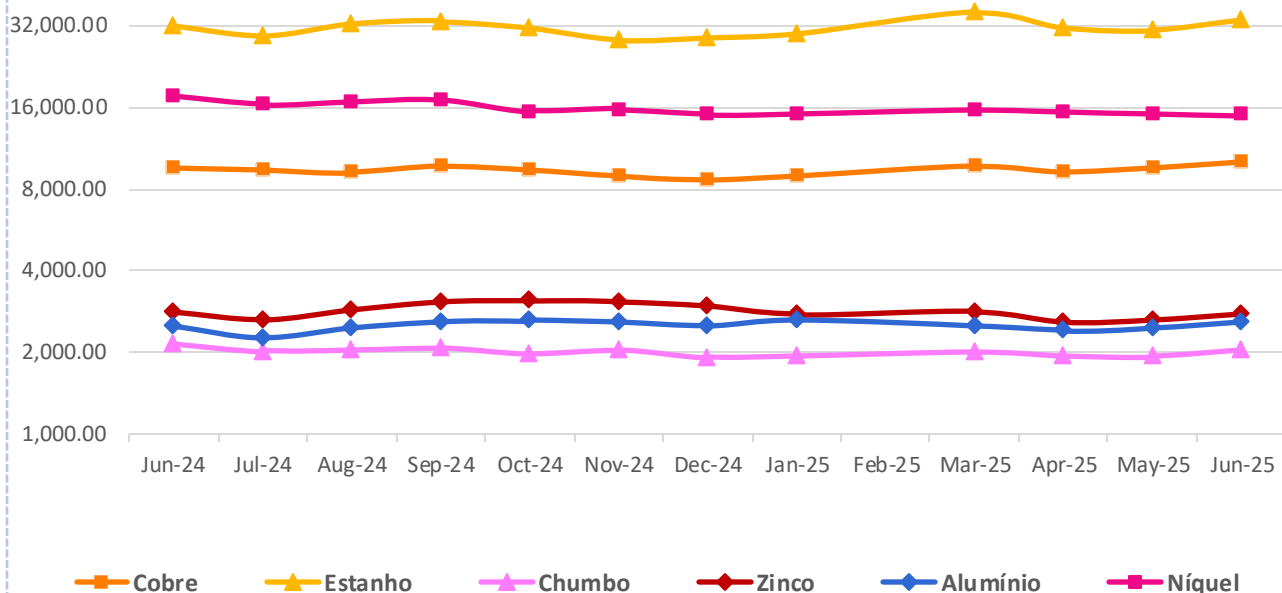
Previsão de Preços do Aço



As contínuas incertezas no cenário econômico e os desdobramentos da política comercial internacional seguem moldando as estimativas de preços para as diversas categorias de aço, indicando tendências de queda ou de estabilidade.

Preço dos metais

Preço dos Metais (LME)



Fonte: Westmetall

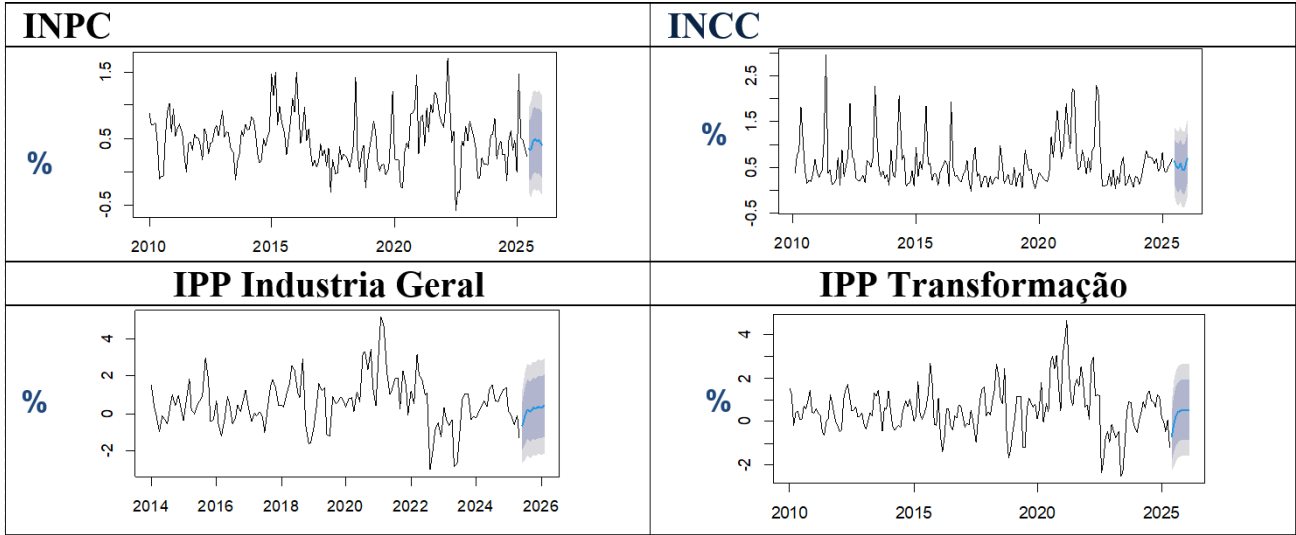
O preço do estanho subiu 9,98% em junho. A alta de preços foi impulsionada por apertos no lado da oferta, com restrições da produção em Mianmar e interrupções regulatórias nas exportações da Indonésia. A redução na oferta coincide com uma demanda aquecida pela reaproximação EUA-China e perspectivas robustas relacionadas à economia digital e IA. Além desses fatores, os estoques na London Metal Exchange continuaram em níveis criticamente baixos, sustentando o prêmio no mercado físico.

O preço do alumínio avançou cerca de 6,05% em junho. O movimento altista continuou sendo sustentado por estoques historicamente baixos, limitações de oferta global e as restrições chinesas à capacidade de produção, alimentadas por custos elevados de alumina e disrupções

logísticas. Ademais, a proibição de entregas russas na LME segue pressionando o mercado. Expectativas para 2025 apontam para um déficit próximo de 8 000 t e preços entre US\$ 2 570–2 600/t.

O preço do chumbo avançou 5,14% em junho. Quedas contínuas nos níveis de estoques na LME e em Singapura, somadas a limitações no acesso a sucata de baterias e cargas concentradas, reforçam um cenário de aperto de abastecimento. Tais fatores contribuíram para a sustentação dos preços, ainda que a demanda em setores como o automotivo tenha se mantido relativamente baixa.

Indicadores de inflação



Fonte: IBGE e FGV

A estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) acumulado em 2025 é de 5,6%, conforme ilustrado pela linha azul, com intervalo de confiança entre 3,08% e 8,72%, representado pelas áreas sombreadas.

A projeção para o Índice de Preços ao Produtor (IPP) da Indústria de Transformação indica uma variação acumulada de 1,76%, sinalizando a persistência da trajetória previamente observada, com amplitude de oscilação entre -8,8% e 9,36%.

No âmbito da Indústria Geral, prevê-se uma variação acumulada de 2,99%, considerando limites de flutuação entre -8,48% e 15,87%. Quanto ao Índice Nacional da Construção Civil (INCC), a expectativa é de variação anual de 6,67%, sujeita a possíveis variações entre -3,41% e 10,06%. Por fim, a análise comparativa entre os indicadores IPP e INPC sugere retração nos preços auferidos pelos produtores, contraposta por uma potencial melhoria no poder de compra dos consumidores.

Indicadores de inflação

Setor	Out. 23 - Mai.25
METALURGIA	
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	
FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	
INPC	

Fonte: IBGE

Indicadores de inflação

Taxas de IPCA, INPC e IGP-DI – 2025 (jan/25 – jun/25)

Mês/ano	IPCA (%)	INPC (%)	IGP-DI (%)
jan/25	0,16	0,00	0,11
fev/25	1,31	1,48	1,00
mar/25	0,56	0,51	-0,50
abr/25	0,43	0,48	0,30
mai/25	0,26	0,35	-0,85
Jun/25	0,24	0,23	-1,80
Acum. 12 Meses	5,35	5,18	3,83

Fonte: IBGE e FGV

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês de junho apresentou variação de 0,24%, 0,02 ponto percentual (p.p.) abaixo da taxa de 0,26% registrada em maio. No ano, o IPCA acumula alta de 2,99% e, nos últimos doze meses, o índice ficou em 5,35%, acima dos 5,32% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em junho de 2024, a variação havia sido de 0,21%.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) teve alta de 0,23% em junho. No ano, o acumulado é de 3,08% e, nos últimos 12 meses, de 5,18%, abaixo dos 5,20% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em junho de 2024, a taxa foi de 0,25%.

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) caiu 1,80% em junho. No mês de maio, a taxa caíra 0,85%. Com este resultado, o índice acumula queda de 1,76% no ano e alta de 3,83% em 12 meses. Em junho de 2024, o IGP-DI havia registrado alta de 0,50% e acumulava alta de 2,88% em 12 meses.

(IPEA) Inflação por faixa de renda – Junho

Inflação por faixa de renda
(Em %)

	Variação mensal			Variação acumulada	
	Abr./25	Mai./25	Jun./25	Ano	Doze meses
IPCA	0,43	0,26	0,24	2,99	5,35
Renda muito baixa	0,60	0,38	0,20	3,19	5,24
Renda baixa	0,57	0,36	0,21	3,15	5,38
Renda média-baixa	0,50	0,31	0,23	3,09	5,37
Renda média	0,41	0,24	0,24	2,97	5,38
Renda média-alta	0,40	0,21	0,27	3,04	5,37
Renda alta	0,14	0,08	0,28	2,58	5,40

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).
Obs.: IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

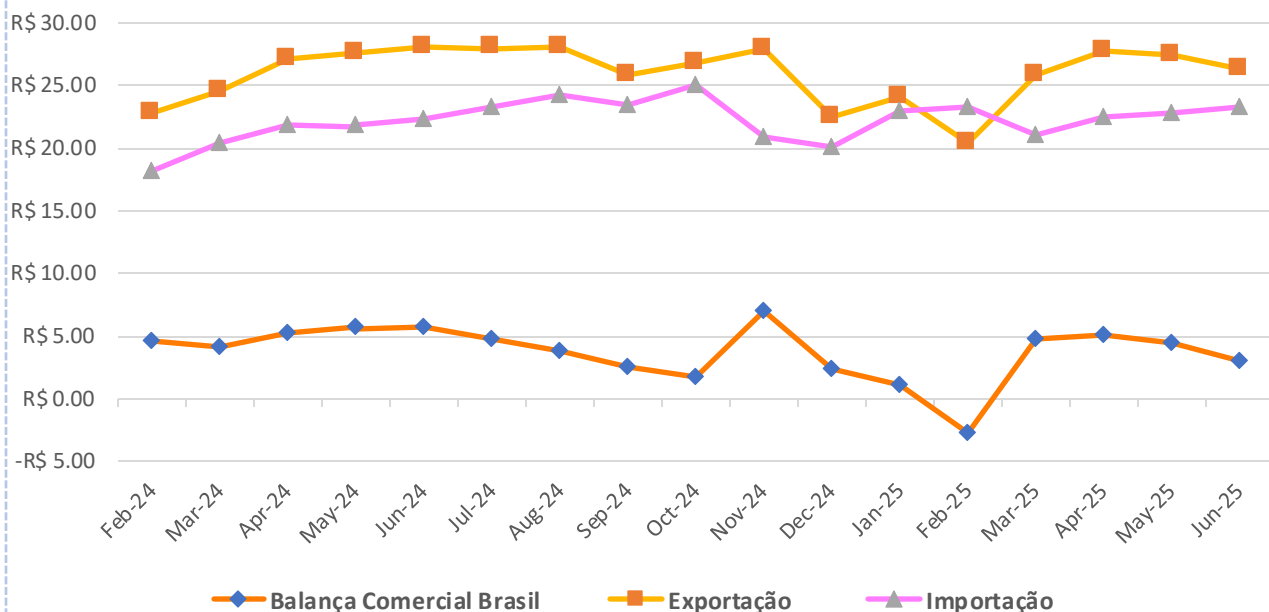
Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

De acordo com os dados do Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, em junho, houve uma desaceleração da inflação para as quatro primeiras classes de renda. Já para as duas faixas de renda mais alta, a inflação observada em junho ficou acima da registrada no mês anterior. Com efeito, para as famílias mais pobres, mesmo diante de uma alta nas tarifas de energia elétrica, a queda dos preços dos alimentos no domicílio gerou uma descompressão inflacionária, de modo que, para a faixa de renda muito baixa, a inflação recuou de 0,38%, em maio, para 0,20%, em junho. Em contrapartida, a inflação da faixa de renda alta avançou de 0,08%, em maio, para 0,28%, em junho, repercutindo os reajustes mais fortes do grupo transportes.

Apesar desse alívio inflacionário em junho, no acumulado do ano, a faixa de renda muito baixa é a que apresenta a maior inflação (3,19%), pressionada, especialmente, pelas altas de 3,6% dos preços dos alimentos no domicílio e de 7,0% da energia elétrica nos seis primeiros meses de 2025. Por sua vez, a faixa de renda alta é a que aponta a taxa menos elevada (2,6%), beneficiada pela queda de 27,9% das passagens aéreas. Já no acumulado de doze meses, a faixa de renda alta registra a maior inflação (5,4%), ao passo que o segmento de renda baixa apresenta a menor taxa (5,2%).,,

Balança comercial

Brasil (Em Bilhões)



Fonte: Comex Brasil

A balança comercial brasileira de junho de 2025 registrou uma forte retração de 40,70% em relação a maio e de 46,92% na comparação anual. O resultado foi impactado por uma combinação de queda nas exportações (-3,94% no mês) e aumento nas importações (+1,57%). Na comparação com o mesmo mês de 2024, a tendência se repetiu, com queda de 6,47% nas exportações e alta de 3,97% nas importações.

Segundo a Agência Brasil, a queda nos preços das commodities e o maior consumo de importados levaram o superávit de junho ao menor nível em seis anos, sendo o pior desempenho desde 2019. Diante desse cenário, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria,

Comércio e Serviços (Mdic) revisou para baixo sua projeção de superávit para 2025, estimando agora US\$ 50,4 bilhões, o que representa uma queda de 32% em relação ao ano anterior.

A previsão do Mdic, que já incorpora os efeitos da política tarifária de Donald Trump e as retaliações comerciais da China, contrasta com a visão mais otimista do mercado financeiro. Segundo o Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central, a expectativa do mercado é de um superávit bem mais elevado, de US\$ 73 bilhões para este ano.

Balança comercial

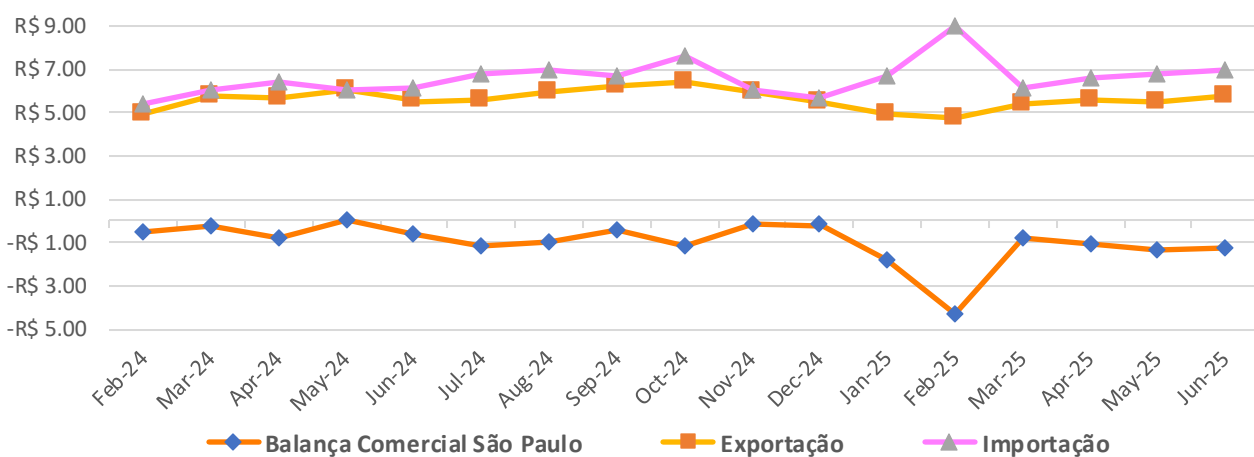
Em junho de 2025, a balança comercial do estado de São Paulo apresentou avanço de 6,24% em relação a maio, impulsionada pelo crescimento das exportações 4,73% e também das importações 2,59%. O saldo positivo reflete a recuperação parcial das transações comerciais paulistas no mês.

Piracicaba, por sua vez, registrou uma alta de 10,40% na balança comercial em comparação ao mês anterior, embora tenha se

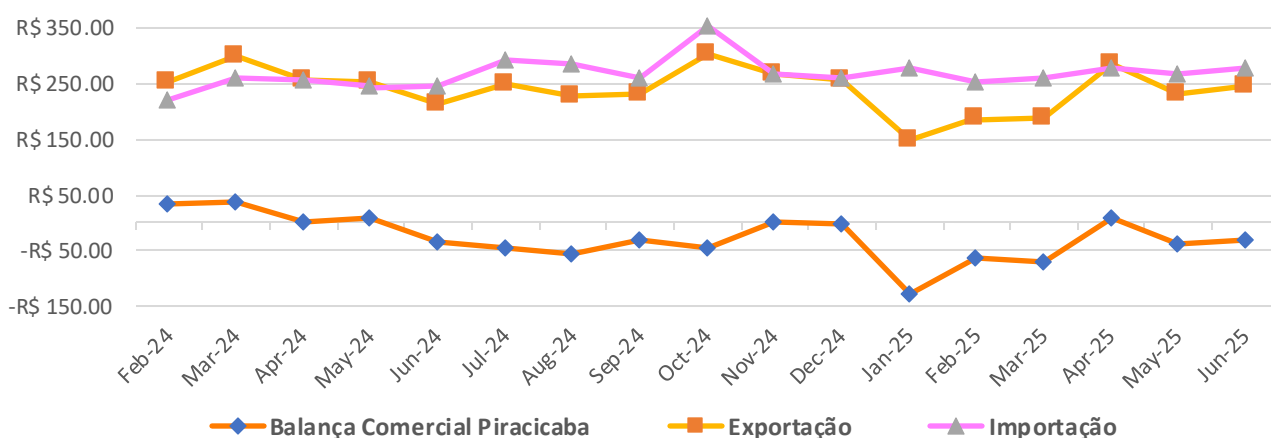
mantido deficitária. O bom desempenho foi puxado por um crescimento de 6,96% nas exportações e 4,61% nas importações, reforçando o dinamismo do comércio exterior local.

Na comparação anual, entre junho de 2024 e junho de 2025, o município também teve saldo positivo, com alta de 2,13% na balança comercial. As exportações cresceram 16,37%, mas as importações também subiram de forma significativa 13,88%.

São Paulo (Em Bilhões)



Piracicaba (Em Milhões)



Fonte: Comex Brasil

Glossário

Nas análises realizadas no Boletim de Conjuntura Industrial do Painel Econômico ESALQ-USP, a equipe usualmente utiliza indicadores, índices e estatísticas econômicas para embasar o quadro da economia no momento. Entretanto, a intenção do Boletim é proporcionar informações de fácil acesso e interpretação para nossos leitores, mesmo que esses não sejam da área mais técnica da ciência econômica. Portanto, esse glossário têm como objetivo explicar alguns termos e os indicadores utilizados nesse Boletim.

Os **indicadores econômicos** representam essencialmente dados e/ou informações "sinalizadoras" ou "apontadoras" do comportamento (individual ou integrado) das diferentes variáveis e fenômenos componentes de um sistema econômico de um país, região ou estado (LOURENÇO *et al.*, 2002). Ou seja, os indicadores econômicos são medidas de como a economia está em determinado escopo temporal. Dentre os indicadores utilizados no Boletim, destacam-se:

-ICEI: Pesquisa cm índice de difusão (varia entre 0 e 100) que metrifica a confiança dos empresários industriais. Por meio desta, é possível identificar tendências da indústria e a propensão do empresariado à reter ou realizar novos investimentos.

-Horas trabalhadas na produção: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), mede o total de horas efetivamente trabalhadas pelo pessoal

empregado na produção.

-Emprego industrial: Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), que mede o total de pessoas empregadas em atividade industrial, diretamente ou indiretamente ligadas ao processo produtivo.

-Produção de aço no Brasil: Analisa o volume total de aço fabricado em determinado período, avaliando a atividade da indústria siderúrgica, a demanda por aço e o nível de produção industrial, no Brasil. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Comercialização de aço no Brasil: Analisa a comercialização total de aço no Brasil, envolvendo principalmente o consumo aparente, vendas internas, exportações e importações de produtos siderúrgicos, possibilitando entender as dinâmicas de consumo no setor siderúrgico brasileiro e tendências futuras. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

-Indicadores de inflação: Indicadores como o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Índice Nacional de Preços ao Consumidor e Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), permitem acompanhar a flutuação de preços em diversos cenários.

-Previsão dos preços de aço: Previsão do preço de nove tipos de aço, elaboradas em software estatístico pelos autores.

Glossário

-Indicadores de produção: Coletados pelo IBGE na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física são uma medida aproximada da evolução de curto prazo do valor adicionado da indústria no mês de referência

-Bens de capital: Produção de bens que serão utilizados como meio de produção de outros bens.

-Bens intermediários: Bens utilizados na produção de outros bens, mas em forma de insumos em um processo produtivo.

-Bens de consumo: Bens adquiridos e utilizados diretamente pelo consumidor final, como itens de alimentação, vestuário e eletrodomésticos, entre outros.

-Formação bruta de capital fixo: Mede quanto as empresas aumentaram seus bens de capital, ou seja, aqueles bens que servem para produzir outros bens (IPEA, 2004). O indicador utilizado no Boletim é o indicador mensal de FBCF do IPEA, sendo encontrado nas Cartas de Conjuntura do instituto.

-Consumo aparente de bens industriais: O indicador é uma representação aproximada da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações (IPEA). O indicador é calculado, também, pelo IPEA e pode ser encontrado na Carta de Conjuntura.

-Utilização da capacidade instalada: Porcentagem média da utilização da capacidade

industrial instalada, podendo variar de 0% a 100%.

-Indicadores do preço: Variação mensal e acumulada do preço de 26 tipos de aço, entre nacionais e importados, coletados no INFOMET.

-Preços dos metais (LME): Preço de diversos metais de base negociados na bolsa de metais de Londres, coletados geralmente no último dia do mês de referência.

-Balança comercial: Estatísticas acerca do comércio exterior realizado pelo Brasil. O resultado da balança comercial é igual à diferença entre as exportações e importações realizadas no período, sendo negativa quando há mais importações do que exportações, e positiva quando o contrário acontece.

Os indicadores utilizados pelo boletim são expressos de diversas maneiras, como em percentual de variação e índice, podendo ser dessazonalizados ou não:

-Percentual de variação: Variação em porcentagem em relação ao período anterior. Ex: Indicadores de preço, Indicadores de produção.

-Índice: Indicador que utiliza os dados de um período, chamado de base fixa, como ponto de partida. Geralmente, atribui-se à base fixa o número 100. Assim, um índice de 110 indicaria um aumento de 10% em relação ao período base.

-Dessazonalização: Eliminação estatística do efeito de eventos sazonais, como as estações, datas comemorativas, safra, entre outros, afim de verificar variações reais.



Expediente

O Boletim de Conjuntura Industrial de Piracicaba é elaborado mensalmente pelo Grupo de Extensão em Economia e Gestão e Desenvolvimento sustentável – GEEDES e Grupo de Extensão e Pesquisa em História e Evolução da Agricultura e dos Complexos Agroindustriais – GEPHAC.

Autores

Carlos Eduardo de Freitas Vian
Bruno Pissinato
Cristiane Feltre
Carlos Henrique de Araujo
Guilherme Schnoveber Assunção
Pedro Henrique Rigueto
Samuel Darck
Victório Meireles Clais

SIMESPI

Gestão 2023 - 2025
Presidente: Érick Gomes
1º Vice-Presidente: Paulo Estevam Camargo
2º Vice-Presidente: André Simioni



**Boletim de
Conjuntura
Industrial**

Piracicaba